



ENTREVISTA CENSO 2022

Cimar Azeredo Pereira

Diretor de Pesquisas - IBGE e Secretário Executivo da Comissão de Planejamento e Organização dos Censos do IBGE

26/08/2022

Cimar Azeredo Pereira é Graduado em Estatística

1ª *Desde a estruturação do questionário, passando pela operação do Censo em si e seu acompanhamento e culminando em seus resultados, o Censo 2022 está promovendo e realizando a maior integração entre as áreas de Estatística e de Geografia no IBGE. Qual a relevância desse fato para a instituição e suas pesquisas?*

Eu tenho dito, de forma descontraída, que esse Censo está mais geográfico que estatístico. Isso é muito interessante porque o IBGE já se apresenta de forma diferenciada, se comparado a outros institutos de estatísticas oficiais no mundo, pelo fato de agregar as áreas de estatística e geociências num mesmo instituto, responsável pela coordenação e produção das estatísticas oficiais do país. Quem tem a maior vantagem nesse processo é a sociedade, que passa a ter informações entregues com maior qualidade, isso é ponto pacífico. Sem dúvida, vamos entregar um Censo com uma cobertura mais extensa, mais precisa, se comparado aos Censos anteriores, devido à tecnologia hoje disponível. Não se trata de diminuir a importância dos Censos já realizados. Cada Censo faz aquilo que é possível para o período em que está sendo realizado, mas sempre esperamos efetuar avanços de uma operação para outra. E o grande avanço do Censo 2022 é entrar com essa roupagem, com esse aporte geográfico muito significativo. E as entregas serão muito mais lúdicas, a sociedade poderá entender melhor os resultados, se apropriar mais deles, quem está em campo, na operação do Censo, consegue entender e acompanhar melhor tudo o que está acontecendo. Eu estou bastante orgulhoso disso, porque ao dizer que o Censo está mais geográfico que estatístico, o que quero ressaltar é que a estatística, ao se apropriar de ferramentas de operação e análise da área de geociências, se potencializa e oferece mais para a sociedade. De fato, é o IBGE que avança nesse processo todo. Eu parabeno os técnicos da área de geociências, que souberam trazer importantes ferramentas que a tecnologia nos oferece para permitir um Censo ainda melhor, que estávamos devendo à sociedade brasileira.

2ª *Pela primeira vez realizaremos um Censo junto com a PNAD contínua. Você avalia que haverá impacto do Censo sobre a PNAD? Se sim, quais seriam esses impactos?*

A PNAD começa em 1967, num teste que acontece aqui no Rio de Janeiro, depois 1968, 1969 e ela não é realizada em 1970 por causa do Censo, depois ela volta no início da década, e aí em 1980 suspendemos a PNAD novamente para fazer o Censo, em 1990 a PNAD é realizada a toque de caixa, porque não esperávamos fazê-la naquele ano por causa do Censo, mas ele foi adiado. Em 1991, em função do Censo, não tivemos PNAD, como também não tivemos PNAD no ano 2000. Em 2010 também não tivemos PNAD e, em 2012 implantamos a PNAD contínua, que é uma pesquisa que dá conta do mercado de trabalho conjuntural, que não pode ser descontinuada em hipótese alguma. E é preciso que se diga que o fato de não realizamos a PNAD em ano de Censo sempre foi por questões operacionais. Não se trata de uma pesquisa suprir informações de outra, isso não acontece. A suspensão da PNAD em ano de Censo provocava uma quebra da série histórica dos dados. O que fizemos no IBGE foi criar as condições de mantermos as duas operações num mesmo ano e, com isso, criamos a PNAD contínua. Hoje, temos dois mil entrevistadores em campo, para a PNAD contínua, e temos o número determinado de recenseadores em campo para fazer a operação censitária. A coordenação da PNAD contínua se estrutura a parte, isolada da operação do Censo. Eventualmente, pode acontecer de um ou mais técnicos da PNAD oferecerem algum suporte ou ajuda, caso necessário, na operação do Censo. Mas isso é pontual. O IBGE se organizou de forma a permitir que as duas pesquisas sejam realizadas sem que uma interfira ou necessite estruturalmente da outra. Pode acontecer de um informante, que tradicionalmente já responde à PNAD contínua, se confundir, porque vai ser entrevistado mais de uma vez. Já prevendo isso, foi preparada uma carta, que é entregue pelo entrevistador da PNAD contínua ao informante tradicional, alertando para o fato de que ele irá receber, ainda esse ano, o recenseador. Assim, ao responder à PNAD contínua ele já estará ciente de que também receberá o Censo e de que são pesquisas diferentes. Ao mesmo tempo, os recenseadores dos setores censitários que participam da PNAD contínua, também foram treinados a alertar alguns domicílios de que haveria a possibilidade de receberem o entrevistador da PNAD contínua e, da mesma forma, devem fazer o alerta para a diferença entre as duas pesquisas e a necessidade de responder a ambas. É possível que haja problemas? Sim, precisamos nos preparar para isso. Sabemos que durante os meses de agosto, setembro e outubro, um quinto da amostra (setores censitários que estarão respondendo ao questionário da amostra, que é um pouco maior que o questionário do universo), estará recebendo, também, a PNAD contínua pela primeira vez. Se o Censo passar por algum desses domicílios primeiro, é possível que haja resistência quando o entrevistador da PNAD contínua chegar. Caberá ao supervisor ou ao coordenador da pesquisa atuar para esclarecer o entrevistado, explicando a diferença entre as duas pesquisas. A PNAD contínua é uma pesquisa grande que está presente hoje em 3440 municípios, cobrindo duzentos e onze mil domicílios por trimestre, o que representa mais ou menos setenta mil domicílios por mês na PNAD, e temos que trabalhar com isso. O importante é que não podemos para a PNAD, ela é uma pesquisa fundamental, não podemos quebrar a série histórica. E se houver qualquer desconfiança ou resistência, contamos com o papel dos supervisores e coordenadores da pesquisa para interceder e esclarecer, garantindo a realização das entrevistas. Por outro lado, qual foi o cuidado que tivemos com o Censo? Os recenseadores estão uniformizados, estão identificados e estamos fazendo, pela primeira vez, e quero afirmar isso com todas as letras, um Censo presente em redes sociais e com uma penetração muito

grande. Com isso, qualquer ponto negativo, qualquer dúvida, temos que atuar de outra forma, que tem sido o uso intenso de publicidade, alertando a população para as várias possibilidades de contato com o IBGE, para checar a identificação dos recenseadores, para saber como reconhecer o recenseador enfim, estamos muito atentos às redes sociais. Em relação a esse aspecto da operação, ou seja, à simultaneidade das duas pesquisas, tivemos até agora uma única reclamação, que foi resolvida. São dois mil entrevistadores em campo, e uma ocorrência. O importante é registrar que estão acontecendo as duas pesquisas no mesmo ano. O que o IBGE está fazendo é uma reparação histórica, ao garantir que não haja quebra na pesquisa e divulgação da PNAD por causa da operação do Censo.

3ª Recentemente o IBGE publicou os resultados da PNAD contínua com inovação nos estratos territoriais de divulgação através do quadro geográfico. Existe a expectativa de que os resultados do Censo 2022 também venham a ser divulgados a partir dessa variedade de recortes territoriais?

Quando colocamos o Painel da PNAD contínua, vimos um resultado tão impactante, pela possibilidade de visualizar as informações numa variedade maior de estratos, que eu coordenei uma operação para que pudéssemos apresentar isso de forma presencial. Os lançamentos em geral têm sido feitos em meio virtual. Mas eu quis fazer essa divulgação de forma presencial, em Brasília, num auditório do Ministério da Economia. Já havia um *approach* entre a geografia e a estatística, mas o Painel da PNAD contínua sacramentou o noivado, e agora, no Censo, estamos vendo que é algo que veio para ficar. O lançamento da PNAD contínua com o Painel foi um grande ensaio, e vamos repetir isso nos resultados do Censo. Eu não acredito mais numa divulgação do Censo no formato que o fizemos em Censos passados. A forma como o Painel da PNAD foi criado nos mostrou que é isso que a sociedade quer. A sociedade precisa de ferramentas modernas, que facilite a sua interação com o que está sendo divulgado, e não aquelas publicações impressas, com 200 ou 300 páginas, de acesso restrito, nada democráticas. Portanto, o que fizemos com o Painel da PNAD contínua foi facilitar o acesso de pessoas e instituições que muitas vezes não têm acesso a um programador ou a ferramentas de programação. O Painel resolve a vida dos usuários e esse é o caminho que vamos tomar para o Censo. Estamos muito orgulhosos dos resultados desse formato de divulgação das nossas pesquisas. Eu tenho me deslocado muito mais a nível nacional por causa da operação do Censo. Onde vamos e contamos sobre o Painel da PNAD contínua é possível ver que essa maior aproximação entre a Diretoria de Geociências e a Diretoria de Pesquisas trouxe frutos muito interessantes. As pessoas estão podendo usar melhor as pesquisas, e nós estamos muito orgulhosos de estarmos fazendo esse trabalho. Quando os usuários entram no Painel e se deparam com todas as camadas que estão inseridas ali, descubrem as potencialidades dos dados da PNAD contínua, onde há informações básicas para usuários básicos, e informações avançadas para usuários avançados. Essa interação começou, no passado, nos trabalhos que a área de Geografia desenvolvia para a divulgação dos resultados da PNAD, com a inserção de gráficos junto aos mapas, e percebíamos que era preciso explorar as possibilidades de oferecer um produto melhor para o usuário, com maiores possibilidades de explorar o produto. Ali começa maior interação das duas áreas. Quando fomos fazer o teste do Censo em

Paquetá (Ilha de Paquetá, na baía de Guanabara, Rio de Janeiro), num deslocamento, que se repetia toda segunda-feira, de uma hora a uma hora e meia de barca para ir e o mesmo para voltar. E íamos, alguns de nós da Diretoria de Pesquisas e Cláudio Stenner e outros integrantes da Diretoria de Geociências, sempre discutindo sobre como as pessoas estavam participando. Eu penso que o teste do Censo de Paquetá foi onde pudemos perceber que esse Censo de 2022 seria muito mais geográfico. Nós víamos no posto de coleta os moradores tentando identificar seus domicílios nos mapas. Há um bairro em Paquetá que não foi coberto no Censo de 2010, e ele foi descoberto no teste do Censo 2022 porque dispúnhamos de ferramentas geográficas na operação. E isso começou a despertar nosso interesse. Começamos observando o mapa de cobertura da ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica – com as coordenadas marcadas. Fazíamos a conferência da cobertura do mapa do IBGE com a cobertura apresentada no mapa da ANEEL. Num certo momento, o mapa do IBGE já havia coberto todo o mapa da ANEEL. E, numa travessia de barca, de repente, nos ocorreu a ideia – vamos dar de presente para Paquetá o mapa com a localização de todos os domicílios. Quando entregamos os resultados do teste do Censo para Paquetá, disponibilizamos também esse mapa. Foi surpreendente ver a população da Ilha, aglomerada em frente ao mapa, procurando seus domicílios ali. Porque o Censo diz quantos somos, como vivemos e onde estamos. Quando passamos para o teste nacional do Censo, decidimos então entregar mapas para 27 localidades – uma em cada unidade da Federação. Eu acredito que estamos caminhando para a obrigação de entregarmos, para cada município no Brasil, um outdoor com um mapa onde estarão todos os registros de coordenadas de localização dos domicílios. É preciso ter claro que o GPS é uma ferramenta muito importante de apoio, mas, também, algo que nos expõe. Porque a sociedade vai ter acesso a todo esse material de divulgação e poderá conferir se nós – IBGE – cobrimos realmente toda a extensão do território nacional que tem ocupação populacional. Mas é muito bom que essa ferramenta exista e a sociedade brasileira possa ter a dimensão da importância do que estamos fazendo. Um outro aspecto muito importante a destacar nesse Censo é que, o acompanhamento da operação do Censo, uma atividade tradicionalmente conduzida pela Diretoria de Pesquisas, hoje está também nas mãos da Diretoria de Geociências – DGC. Não se trata apenas de uma inovação na divulgação dos resultados. É uma grande inovação em toda a operação. É a entrada de um novo ator no processo com um protagonismo tão importante quanto dos outros atores, que já estavam em cena.

4ª Você representa o IBGE em organismos internacionais, como a OIT, por exemplo. Numa comparação com outros países que apresentam território vasto e população numerosa como o Brasil, ou até maiores, como você avalia a operação do Censo 2022, com o uso dos dispositivos móveis de coleta (DCM), o acompanhamento efetivo online da atuação dos recenseadores e a criação das Áreas de Interesse Operacional (AIO), por exemplo?

Penso que o IBGE já tem um destaque acentuado quando participamos de fóruns internacionais. Eu faço parte de alguns desses organismos, representando o IBGE, como a Conferência Internacional de Estatísticas do Trabalho, a reunião especializada de Estatísticas do Mercosul, dos BRICS, reuniões

sobre mercado de trabalho da América Latina – estou vindo agora de Bogotá – e quando participamos desses fóruns sempre levamos muitas coisas. E o objetivo de levar muitas coisas é para que outros institutos e outros fóruns saibam o que estamos fazendo aqui dentro. Porque temos um papel de vanguarda, quando comparados aos maiores institutos de estatísticas do mundo. Então, temos a obrigação de estar contribuindo para capacitar nossos parceiros aqui na América Latina. Penso que é fundamental que os técnicos do IBGE participem de congressos e fóruns internacionais, não só para aprender, mas também para mostrar o nosso trabalho. O Painel da PNAD contínua e a operação do Censo 2022 me despertou essa necessidade – precisamos mostrar para o mundo que fazemos isso. Já que atingimos esse nível de expertise nas operações de pesquisa estatística, precisamos divulgar isso, para estimular outros institutos, principalmente os menores, a fazerem isso também, porque é possível fazer, as ferramentas muitas vezes estão disponíveis em softwares livres, e estamos dispostos a oferecer capacitação para esses parceiros. Pensando nisso, criamos um projeto ambicioso, que denominamos “Observa Censo”. Através desse projeto estamos trazendo para o Brasil representantes de 27 países para acompanharem a operação do Censo brasileiro. Eles já participaram de 4 seminários, onde a Geografia estava presente junto com a área de Estatística, e vão passar mais uma semana, distribuídos entre as regiões do país, para acompanharem de perto a operação. Os representantes de países africanos estão indo para Ouro Preto, em Minas Gerais, os representantes de países do sul da América do Sul estão indo para Florianópolis, Santa Catarina, o norte da América do Sul está indo para o Recife e há representantes que estão indo para Brasília, os representantes de língua inglesa estão indo para Cabo Frio, e há representantes indo para Roraima para acompanhar como se faz um Censo em região de alto fluxo migratório. Vamos encerrar essa atividade aqui no Rio de Janeiro, onde haverá uma grande apresentação, inclusive com imagens e mapeamento, para que se tenha a dimensão do tamanho dessa operação, de tudo o que estamos fazendo nesse Censo, dos recursos nele investidos. Não foi fácil trazê-los para cá, foi preciso uma série de acordos e devemos declarar que tivemos apoio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), procuramos o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), que também nos apoiou, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), também veio para essa articulação e outras instituições foram se juntando – o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para Migrações (OIM). Temos por volta de trezentas pessoas do mundo inteiro vindo acompanhar o Censo Demográfico Brasileiro de 2022. Ontem (25/08/2022) apresentamos alguns aspectos da operação do Censo para representantes do Consulado Norte-americano e eles ficaram muito impressionados. Queriam entender as Áreas de Interesse Operacional (AIO), e como havíamos desenvolvido a tecnologia para que o Dispositivo Móvel de Coleta abra questionários diferenciados quando o recenseador se aproxima de uma Comunidade/Território Quilombola ou de uma Terra Indígena. Ficaram surpresos com o acompanhamento em tempo real dos percursos dos recenseadores. Enfim, há muito deixamos de ser amadores ou precários em termos de pesquisas demográficas, mas precisamos mostrar ao mundo tudo o que estamos fazendo. O projeto “Observa Censo” é muito interessante e está ficando muito bonito.

5ª *Esse é o 5º Censo em que você participa ativamente, mas, provavelmente, é o que você tem maior envolvimento, além de ser o maior que o IBGE já realizou. Do seu ponto de vista, qual foi o maior desafio para a sua realização?*

É verdade, agora que você mencionou, me dei conta de que esse é o 5º Censo em que participo. Eu comecei com 18 anos, em 1980, como recenseador. Mas gostaria de mencionar o Censo de 2000, em que tive uma participação muito intensa. Foi um desafio muito grande. Eu cheguei em Manaus no dia 17 de julho de 2000, para ficar uma semana e acabei voltando só 8 meses depois. Coordenei o Censo lá e foi um trabalho muito intenso. Eu comecei fazendo Censo, em 1980, numa cidade de 30.000 habitantes, Santo Antônio de Pádua (RJ), com distâncias que se pode percorrer de carro, um rio que se pode atravessar a nado. De repente, me vejo na região Norte, com rios oceânicos, distâncias que só podem ser percorridas por barco e que vão exigir 3 dias de viagem, lugares em que você só pode chegar de helicóptero e a preocupação com riscos a que você está exposto quando está num território que não é o seu habitual. Foi um desafio muito grande, mas também permitiu que o meu trabalho alcançasse projeção na instituição. Logo que retornei de Manaus passei a ser gerente da Pesquisa Mensal de Emprego. Mas a minha participação no Censo 2022 é algo bem maior. Não é o Censo de Santo Antônio de Pádua, não é o Censo da Bahia, onde eu também trabalhei, não é uma Contagem de População. Aliás esquecemos de incluir nessa listagem as participações em Contagens e Censos Agropecuários. Mas todas as experiências anteriores não se comparam à condição de Presidente da Comissão de Planejamento e Organização do Censo 2022, que é a minha situação hoje. Porque agora eu estou preocupado com todas as etapas e atividades do Censo. E talvez tenha sido isso que tenha provocado essa reflexão de que poderíamos estar fazendo um Censo muito diferente. Penso que o grande desafio que tenho tentado imprimir no Censo 2022 é essa colaboração com a Diretoria de Geociências. A parceria com o Cláudio Stenner, Diretor de Geociências, tem funcionado de forma muito eficaz. O Cláudio é uma pessoa que, diante dos desafios e propostas, nunca diz não. Ele procura reunir as equipes e mostrar que é possível. É claro que em alguns momentos vamos ter que dizer não, mas é muito bom trabalhar com alguém que sempre vai tentar, que vai primeiro buscar resolver. Em Censos passados a grande protagonista, junto à Diretoria de Pesquisas, foi a Diretoria de Informática (DI). Mas o protagonismo da DI veio muito em função da adoção do PDA (antigos dispositivos de pesquisa, Personal Digital Assistant) que, embora representasse avanço, requeria muito suporte e assistência durante todo o processo de coleta. O protagonismo da Diretoria de Geociências, por sua vez, agregou tecnologias sem implicar problemas. Muito ao contrário, está propiciando um acompanhamento da operação que nunca tínhamos vivido. É o Censo visto de cima. A meu ver, esse é o grande desafio desse Censo. Outro aspecto que deve ser mencionado, que não é um desafio exclusivo do Censo, porque já vivemos isso com a PNAD contínua e outras pesquisas, mas que assume proporções muito maiores porque é o Censo, é a questão das redes sociais. Fazer o Censo com a presença das redes sociais acompanhando toda a operação tem uma reverberação muito maior. Nós nos preparamos para isso? Sim, o IBGE participou de seminários, onde bebemos das experiências do Tribunal Superior Eleitoral, sobre como foi realizar eleições em tempos de redes sociais. Mas é tudo

muito novo. Quando você vive a situação de fato, é um grande desafio. E, de novo, a parceria com a DGC foi decisiva para termos uma resposta rápida para as redes sociais. Porque surgiu a ideia de respondermos às questões através de mapas. Não há espaço para textos grandes no Instagram. Os mapas, as imagens de cobertura, mais uma vez, mostram-se como soluções muito adequadas e produtivas. E isso coloca uma outra questão: como vamos entregar os resultados do Censo para a população? Não há mais espaço para fazermos entregas que se prolongarão por 2023, 2024 e 2025. Já conversei isso com o Cláudio (Diretor de Geociências). Nós participamos do Conselho Urbanístico da cidade do Rio de Janeiro, e lá nós podemos perceber o quanto a população de usuários está ávida pelos resultados do Censo. Mas não mais no formato tradicional que sempre entregamos. Agora ainda estamos muito envolvidos com a operação do Censo, mas quando se colocar a questão da entrega dos resultados, penso que o protagonismo desse processo estará nas mãos da Geociências do IBGE. Nós, da Diretoria de Pesquisas, estamos muito preocupados com a imputação, com precisão estatística, mas a sociedade está interessada com o formato da entrega, com a sua rapidez. E devemos lembrar que toda a montagem da operação do Censo aconteceu com o pano de fundo da pandemia. Nós fomos para Paquetá sob uma pandemia agressiva. Fomos porque a Ilha já havia feito a vacinação de sua população. Então, fizemos teste em agosto de 2021, depois em novembro de 2021, e no início desse ano houve nova ameaça de crescimento nas ocorrências da COVID 19, o que originou novos questionamentos sobre realizar ou não o Censo. Tudo isso impõe muita tensão e obriga a pensar as atividades com muita antecedência, com projeção de possibilidades, mantendo o clima dentro da casa sem desacelerar. Tenho muito orgulho de tudo que conseguimos realizar até aqui. Não me canso de dizer que temos uma equipe técnica altamente qualificada. Eu não faria esse Censo se não tivesse um coordenador técnico como o Luciano Duarte, um coordenador operacional de Censo como o Cláudio Barbosa, não teria o treinamento de Censo se não fosse a Cynthia Damasceno, o Wolney Menezes no CNEF (Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos), o Cláudio Stenner na Diretoria de Geociências e toda a equipe que ele coordena. Enfim, fazer o Censo com essa equipe de técnicos e técnicas é muito gratificante. Para se ter uma ideia, a primeira mensagem de trabalho que recebi hoje aconteceu às 06:34h. Às 07:32h eu recebi mensagem do Luciano Duarte e poucos minutos depois eu recebi os mapas e gráficos do Cláudio Stenner, com o acompanhamento da cobertura do Censo, tudo no whatsapp. Então, tão fundamental quanto ter o whatsapp no Censo é termos essa equipe maravilhosa. Não posso deixar de mencionar o presidente do IBGE, Eduardo Rio Neto. Ele é um demógrafo e, apesar de não ser uma pessoa do IBGE, tem envolvimento em todas as nossas atividades, participa com interesse e quer entender o dia a dia do Censo, vem para o chão de fábrica e vai à cozinha ver como tudo funciona, além de dar contribuições muito importantes. Por fim, também devemos mencionar o legado do IBGE. Fazer o Censo com esse histórico que a casa tem, se torna muito mais fácil. Vamos lançar no dia 30 de agosto um livro com a história das estatísticas do IBGE nos 200 anos da Independência, organizado pelo historiador da casa, Nelson Senra. E não podemos esquecer os técnicos e técnicas que estão nas Unidades Estaduais do IBGE. Não faríamos nenhum Censo sem essa participação. No Censo 2022, particularmente, introduzimos reuniões semanais, todas as sextas-feiras pela manhã, tem sido uma troca fundamental. Ali, sou professor e sou aluno. E essa troca veio para ficar. As equipes hoje estão muito mais coesas. A pandemia nos prejudicou, mas

também trouxe melhorias que vieram para ficar. Outro aspecto que quero mencionar refere-se ao CNEF. Sempre dissemos que o CNEF é uma joia. Ocorre que, com a incorporação das informações geográficas a ele acrescentadas, o CNEF sai desse Censo como uma joia muito lapidada. As informações espaciais que serão agregadas a ele, vão potencializar em muito a sua utilização. Por isso que dizemos que esse não é o Censo do IBGE, ele é o Censo da sociedade brasileira, e ela precisa fazer a sua parte, recebendo os recenseadores para que possamos cumprir essa tarefa em alto nível.

6ª Que expectativas você tem em relação aos impactos da operação do Censo 2022 sobre o IBGE como instituição?

Posso estar sendo repetitivo, mas penso que o Censo é uma atividade estruturante para a casa. Quando implantamos a PNAD contínua sabíamos que íamos lidar com isso, que essa atividade iria modificar as agências do IBGE nos estados, introduzir trabalhos contínuos nelas, enfim, são transformações que havíamos suposto que aconteceriam. O Censo acontece a cada 10 anos. Então, é preciso ter claro que muitos dentro do IBGE nunca tiveram a experiência do Censo. Por isso, eu demando que todos os coordenadores estimulem seus técnicos a participarem em alguma atividade do Censo. É preciso fazer com que as pessoas que não estão diretamente envolvidas no Censo aproveitem essa oportunidade para ver o que é essa operação. Tente enviar pessoas para lugares onde normalmente elas não iriam. Vá conhecer outras unidades da federação, onde você normalmente não iria para fazer turismo.

Mas o grande legado desse Censo para a casa eu penso que é essa integração da Geografia com a Estatística. Não que ela não acontecesse antes. Mas agora ela vem numa dimensão muito maior, e tende a se tornar irreversível. A integração com as Unidades Estaduais também deve ser mencionada e, nesse aspecto, é preciso destacar como as redes sociais impactaram essa integração. Porque hoje nós temos um grupo de whatsapp em que acontecessem interações diárias com as UEs, e nós conseguimos acompanhar o quanto cada unidade está ativa e interativa nas operações. Um último aspecto que precisa ser levantado diz respeito à publicidade do Censo. O IBGE precisa intensificar muito a divulgação para as próximas atividades de pesquisa. Num próximo Censo, será preciso divulgar com mais intensidade e antecedência a operação. Também precisamos melhorar o trabalho de comunicação interna na operação do Censo. Por exemplo, se eu precisar hoje fazer chegar rapidamente uma mensagem a todos os recenseadores, não há uma ferramenta que me garanta isso de forma eficaz. São falhas que percebemos no processo, mas que o próprio fato de termos percebido isso já é um avanço.

7ª A partir de toda a sua vivência em todas as etapas da operação do Censo 2022, que mudanças você vê como mais prováveis para o Censo 2030?

Criar uma área de recursos humanos específica para o Censo, criar uma área específica de Tecnologia da Informação para o Censo. Criar um esquema de comunicação elaborado por especialistas nesse

processo. Melhorar sensivelmente a engenharia de produção do Censo. É fundamental que ela aconteça. Penso que há alguns vetores que precisam estar alinhados. É como se fosse um sistema solar. Precisamos fazer o alinhamento desses planetas – o vetor da comunicação, o vetor da estatística, o vetor das geociências, o vetor da administração, o vetor da informática, tudo isso precisa estar muito alinhado. Penso que a grande lição que fica para esse processo é que precisamos entrar no próximo Censo, ou numa próxima operação dessa magnitude, com esses vetores muito mais alinhados. Não que estejamos desalinhados agora, mas eles precisam estar com alinhamento maior, um entrosamento muito mais forte. Porque temos outros vetores, que são as Unidades Estaduais, que precisam ser norteadas por um alinhamento desses vetores principais do Censo. Se você tem um desvio aqui, você acaba tendo um processo de comunicação ou de operação ou a engenharia de produção não vai se dar de forma coordenada. Isso é um defeito? Não, eu penso que isso é um aprendizado. Esse Censo nos traz uma lição – nunca mais fazer um Censo que tenha teste em um só local. Além disso, nunca mais desarticular a estrutura de Censo entre um Censo e outro. A estrutura que foi criada tem que estar ativa, com testes, operações. Assim, quando chegar o Censo, efetivamente, é claro que vai sentir o volume, mas chega com mais facilidade, porque está em funcionamento, participando dos processos. A coordenação operacional dos Censos precisa estar completamente ativa mesmo no final da operação do Censo, para que possa fazer chegar no próximo Censo de uma forma menos traumática.